

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA NO ENSINO SUPERIOR

Eres Guilherme Soares Pires¹

RESUMO:

Objetivou-se através desta pesquisa compreender a importância da Filosofia nos cursos de nível superior, considerando a finalidade intrínseca da educação. Intentou-se ainda: mostrar a relação existente entre a Filosofia e a Educação, demonstrando-a através do pensamento de clássicos expoentes; reconhecer o Pragmatismo como corrente filosófica predominante no Ensino Superior brasileiro, apontando sua insuficiência como modelo educacional; identificar a verdadeira finalidade da formação superior, evidenciando o papel da Filosofia para atingir tal fim. Para tanto buscou-se verificar a aplicação da filosofia numa Instituição de Ensino Superior de Anápolis, no curso de Administração, analisando suas contribuições. Utilizou-se do método qualitativo-analítico, com base de dados em livros, revistas, periódicos e sites. Fez-se pesquisa com alunos, por meio de questionários. Concluiu-se que a Universidade não pode se restringir somente a uma formação técnica-profissional, pois juntamente com esta caminha uma formação humana holística, para a qual a Filosofia se revela imprescindível.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Pragmatismo. Ensino Superior. Formação humana integral.

INTRODUÇÃO

Partindo da noção grega de educação, percebe-se a ligação entre Filosofia e Educação bem como a importância daquela para esta. Ambos os conceitos eram indissociáveis. A filosofia constituía o próprio processo educativo. Ao longo de todos os períodos da história a educação sempre foi objeto da reflexão filosófica. Vê-se que a filosofia contribui para que os indivíduos desenvolvam maior capacidade crítica, de reflexão e juízo, contribuindo assim para a educação como um todo.

Objetiva-se neste estudo analisar a importância da presença da filosofia em todos os cursos de nível superior, considerando a finalidade intrínseca da educação em geral, bem como a finalidade formativa das Instituições de Educação Superior.

Intenta-se ainda: demonstrar a relação existente entre Filosofia e Educação ao longo de todos os quatro grandes períodos da História da Filosofia, exemplificada no pensamento de grandes expoentes; reconhecer o Pragmatismo como corrente filosófica predominante no Ensino Superior brasileiro, apontando-o como um modelo insuficiente perante os objetivos da educação; identificar a real finalidade da formação superior, mostrando a importância da

¹ Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis soares.tg@live.com

filosofia, enquanto mediação pedagógica, para alcançar tal fim; verificar, através da aplicação de um questionário, a real contribuição que a filosofia tem prestado para alunos do curso de Administração de uma Instituição de Anápolis.

Utilizou-se do método qualitativo-analítico, tendo por base de dados livros, artigos em revistas e periódicos, sites, selecionados conforme a contribuição que poderiam dar para a pesquisa e conforme o critério temporal, neste caso, artigos publicados a partir de 2010. Para a pesquisa com os discentes utilizou-se de questionário composto por seis questões.

O trabalho divide-se em três partes. Na primeira visa-se estabelecer relações entre a Filosofia e a Educação no pensamento de grandes filósofos que, cada qual a seu tempo, tiveram grande relevância. Na segunda esclarece-se o conceito de formação e enumera-se pressupostos para uma correta leitura; elucida a questão do pragmatismo no Ensino Superior Brasileiro e identifica a importância da Filosofia, como mediação pedagógica, que proporciona uma formação humana mais sólida aos alunos e não somente uma formação tecnicista-profissional, o que desvirtua o próprio sentido de ser da Universidade. Por fim, na terceira, expõe-se resultados e análises de pesquisa feita com alunos do Curso de Administração de Instituição de Ensino Superior de Anápolis, verificando assim qual a percepção dos protagonistas: os discentes.

A FILOSOFIA E A EDUCAÇÃO

Pretende-se, nesse primeiro momento, mostrar a relação existente entre Filosofia e Educação, exemplificada em diversos autores, perpassando todos os períodos da História da Filosofia. Desse modo, fica claro que a conexão existente entre Filosofia e Educação não é algo restrito a uma determinada época, mas caminha com o homem ao longo dos tempos, até hoje. Além de uma breve análise do tempo pré-socrático, serão analisados: Sócrates, Tomás de Aquino, Immanuel Kant e Jean Paul Sartre, cada um representando respectivamente a Idade Antiga, Média, Moderna e Contemporânea. Vale a pena lembrar que os expoentes acima mencionados são de máxima relevância, pois ainda hoje são referências e contribuíram com diversas áreas do conhecimento, cada qual a seu tempo e não meros autores sem relevância. O intento é apresentar um panorama geral dessas ideias, pois cada um desses expoentes possui uma vasta produção que não poderia ser exaurida num único estudo.

Período pré-socrático – Paideia

No período pré-socrático a Filosofia e a Educação eram vistas como uma unidade. Uma unidade que abrangia Filosofia, Pedagogia e Política. Essa tríade era indissociável para os gregos antigos.

A compreensão dessa unidade se resume ao conceito grego de educação: a $\pi \alpha \iota \delta \epsilon \iota \alpha$ (transcreve-se Paideia). Pois a ideia de Paideia compreende a formação integral do homem: intelectual, cultural, ética e política. Portanto é uma noção mais abrangente e completa de educação em relação à hodierna.²

É à luz do conceito de Paideia que se compreende o porquê Filosofia, Pedagogia e Política eram indissociáveis para os gregos. A esse respeito bem sintetiza Botter(2012, p.19):

No período da Grécia clássica, filosofia, educação, antropologia e política coincidem. A filosofia grega não precisou criar uma nova disciplina chamada *pedagogia*, pois a convergência entre os dois pensamentos era algo natural. A filosofia é pedagógica e a pedagogia é filosófica, assim como a filosofia-pedagogia é política e a política é filosófico-pedagógica

Seguindo a ideia da autora, somente na atualidade é que filosofia e pedagogia se distinguem, pois originariamente a filosofia em si mesma era um projeto educativo, cujo objetivo era o desenvolvimento e a formação do homem em si (Idem, p.20).

Sócrates e a maiêutica

Sócrates, apesar de não ter deixado nada por escrito, sem sombra de dúvida é um dos maiores expoentes da Filosofia, se não o maior de todos. “A filosofia socrática mostra ter tido peso decisivo no pensamento grego e, em geral, no pensamento ocidental” (REALE apud TESCAROLO, 2012, p.32).

Dentre outros aspectos importantes da filosofia socrática, destacar-se-á a importância da maiêutica, em sua relação com a prática educacional. Ao perguntar-se por uma definição para a maiêutica, bem resume Tescarolo dizendo que é uma arte de perguntas lógicas dirigidas a um sujeito, com a finalidade de suscitar um conhecimento que ele já tem dentro de si, mas ainda está latente (TESCAROLO, 2012).

² A concepção hodierna de educação é demasiadamente pragmática, tecnicista, cuja preocupação se concentra em transmitir conhecimentos técnicos e científicos com a intenção de formar profissionais que atendam às demandas do mercado de trabalho.

A maiêutica estabelece uma relação entre filosofia e educação para a época, mas também é algo muito atual, e isso se nota naquela expressão muito mencionada hoje: o professor é facilitador do conhecimento e não seu detentor. “O mestre não é o que enche a mente do discípulo com informações, como se sua mente fosse uma caixa vazia. Na maiêutica, o mestre ajuda o discípulo a alcançar o conhecimento mediante um diálogo questionador” (Idem, p.33).

Por fim, a filosofia socrática chama atenção para a necessidade de o docente ser virtuoso, ou seja, encontrar um ponto de equilíbrio nas questões contemporâneas complexas. E também envolve a questão do papel da transformação social da educação: um professor virtuoso conduz os alunos mais facilmente à virtude e a uma sociedade mais virtuosa.

Tomás de Aquino – *prudentia*

Ao pensar num grupo tão seletivo de grandes filósofos poder-se-ia notar, com razão, a falta de Aristóteles. Deve-se lembrar, no entanto, que a filosofia tomista é inseparável da aristotélica. Tomás abraçou a maior parte da doutrina do Estagirita³ e a fundiu às ideias do cristianismo.

Dentro da vasta doutrina filosófica de Tomás, pode-se identificar seu valor e atualidade para a educação. Para tanto, deve-se ter em mente três ideias fundamentais que estão interligadas entre si: a da valorização do mundo material, a de homem como sendo composto de espírito e matéria e a ideia de *prudentia*.

Brevemente, é importante que se compreenda o contexto histórico daquele momento. Conforme Lauand (2012), os séculos XII e XIII foram de significativas mudanças, dentre elas uma mudança do eixo da educação, havendo a transição do modelo de escolas monacais para catedrais e daí as nascentes universidades. Vale ainda lembrar a ligação do Aquinate com a docência, pois foi professor na Universidade de Paris.

Para o âmbito educacional o que mais interessa é o conceito de *prudentia*, que deve ser compreendido à luz do conceito de *homem e mundo material*. Tomás, abraçando e aperfeiçoando a ideia aristotélica de ser humano, diz que o homem é composto de matéria e forma, ou seja, corpo e alma. Em latim é o conceito *anima forma corporis*. O Aquinate

³Toda a doutrina aristotélica tem como ponto de partida o real e o concreto. É a partir da realidade sensível que Aristóteles desenvolve sua linha de pensamento, elabora princípios tais como o de causa e efeito; matéria e forma; substância e acidentes; essência e existência, dentre outros. Esse realismo difere o Estagirita de Platão, cuja reflexão não parte de real, mas sim do ideal e abstrato. A filosofia aristotélica é a base para a doutrina tomista, enquanto a filosofia platônica embasa o pensamento agostiniano.

corajosamente “afirma homem total, com a intrínseca união espírito-matéria, pois a alma é forma: co-princípio ordenado para a intrínseca união com a matéria.” (LAUAND, 2012, p. 60) Essa afirmação é importante para o campo cognitivo e educacional, pois se afirma o valor corpóreo e sensorial do ser humano, que até então não era tão valorizado, pois até o momento se tinha uma visão antropocêntrica espiritualista.

Intimamente ligado a essa concepção de homem, está a valorização do mundo material, que como elemento externo informa a pessoa. Explica-se melhor: o ser humano não tem inatos em si os conceitos, mas os adquire pelo processo que se chama de abstração. Ele abstrai da coisa material externa a si um conceito abstrato e imaterial, que agora passa estar em sua mente como ideia ou como conceito. “Só podemos chegar às ideias mais abstratas e às considerações mais espirituais a partir da realidade sensível, material, concreta” (Idem, p. 61).

Ao tratar da *prudentia* (em latim) pergunta-se: o que significa essa prudência? Por que ela é tão importante e qual sua relevância para a educação? Primeiramente deve-se dizer que a virtude da prudência em Tomás de Aquino não tem nada a ver com o entendimento contemporâneo de tal virtude que, diga-se de passagem, nem é mais tratada como virtude. Atualmente essa palavra significa indecisão, medo, receio, ficar em cima do muro. Para o *Doctor Angelicus*, a prudência é a “arte de decidir-se corretamente [...] com base na realidade: em virtude do límpido conhecimento do ser” ou ainda “é ver a realidade e, com base nessa visão, tomar a decisão certa”. (Idem, p. 64)

A prudência ensinada por Tomás é fundamental para a educação. Deve ser aprendida, praticada e ensinada pelos docentes. O aprendizado de tal virtude por parte dos alunos é a esperança de uma humanidade mais humana e um mundo melhor, onde as pessoas saibam decidir-se corretamente no aqui e agora das situações cotidianas. “Afirmar a prudência é afirmar que cada pessoa é protagonista de sua vida, só ela é responsável, em suas decisões livres, por encontrar os meios de atingir seu fim: a sua realização” (Idem, p. 70)

Kant – quatro práticas educacionais

Immanuel Kant (1724 – 1804) possui uma visão segunda a qual a educação deve tornar a pessoa humana independente, autônoma e autodeterminada. Para ele a “educação consiste na passagem da inteira dependência de um ser humano, a criança, em relação a outro ser humano, o adulto, até a sua independência em relação a esse” (BUENO, 2012, p. 175).

Nesse contexto de passagem da dependência para a independência Kant menciona quatro práticas educacionais que conduzem o indivíduo para a autonomia. Vale lembrar que a leitura dessas quatro práticas deve ser feita à luz da doutrina kantiana a cerca dos conceitos, pois para este teórico o ser humano não adquire paulatinamente os conceitos, através do processo de abstração (doutrina tomista), mas os têm inatos em si e o esforço se concentraria, não em abstrair conceitos, mas sim fazê-los germinar. Nesse sentido ele tem a ideia de que as práticas educacionais fazem desabrochar os germens que residem no homem. (Idem).

A primeira das práticas é a disciplina. “A educação deve impedir que o que há nele de animal não o prejudique quando criança tanto em sua vida individual quanto em sua vida social” (Idem, p. 172).

Importante é ter sempre em mente a ideia de liberdade. Pois como já foi mencionado, a educação, na concepção kantiana é para a liberdade e para autonomia. Nesse sentido Kant não pretende com a disciplina cercear as crianças, mas sim instigá-las para a liberdade e levando-a a respeitar a liberdade dos demais.

Immanuel, em sua filosofia, já deixa traços do que hoje chamamos de aprendizagem significativa, ao dizer que “há de se pôr limites à vontade da criança, mas esse limite deve vir de uma forma que faça sentido para ela e que venha da forma mais natural possível: o limite de sua liberdade está no respeito à liberdade dos demais” (Ibidem).

Quando Kant fala da dimensão da cultura, ele está a referir-se principalmente à esfera física da criança. Expõe a importância de se exercitar o corpo, praticar exercícios físicos, esportes, jogos, através dos quais não se treinam somente a habilidade corpórea, mas também os sentidos e a capacidade de socialização.

Pela prática da cultura já se nota a preocupação do filósofo com a dimensão social. No entanto, esta se acentua mais precisamente na terceira prática: a da civilidade. “A prática da civilidade forma mais diretamente o indivíduo para a vida em sociedade. O indivíduo deve ser querido e influente em sua vida social. Isso requer dele o hábito da gentileza e da prudência” (Idem, p. 173).

Moralidade: eis o último nível da prática educacional. “Nesse estágio do processo educacional o foco não é a habilidade para se alcançar fins, mas a educação para que o homem possa escolher fins que possam ser considerados bons” (Idem, p. 174).

Tal fim bom sempre deve ser determinado pela pura razão, sem influência dos sentidos. Neste sentido Kant entende a moralidade como uma espécie de treino, um treino contra a sensibilidade, um treino para determinar-se cada vez mais pela razão pura. É saber lidar com o desprazer de renunciar àquilo que parece mais agradável para escolher um bem

superior. “Essa prática indica o caminho da autodeterminação e da autonomia, pois ser autônomo é fazer da lei da razão a sua máxima” (Ibidem).

Sartre – existencialismo e educação

Jean Paul Sartre (1905 - 1980) não escreveu textos sobre o tema da educação propriamente dita, mas é indiscutível que sua filosofia contribuiu sim para o aprofundamento da temática. Pode-se ainda mencionar que ele “apoiou ativamente o movimento dos estudantes de maio de 1968, que criticava o sistema de educação vigente” (SCHNEIDER, 2012,p.399).

Para compreender Sartre é necessário antes deixar claro que ele pertencia à corrente filosófica do Existencialismo, cuja doutrina afirma a precedência da existência sobre a essência. Essa essência mencionada não é aquela metafísica. Para Sartre o homem adquire sua essência ao longo da vida, com suas atitudes, escolhas e seu modo de viver. Compreender seu conceito de essência é fundamental para compreender outros conceitos, inclusive o de educação.

Sartre nunca deu uma definição de educação em si, mas Paulo Freire bem resume que seu fim é realizar processos de transformação do homem e do mundo (FREIRE *apud* SCHNEIDER, 2012, p.389).

Talvez em nenhum filósofo fique tão clara a influência da corrente filosófica a qual pertence em sua concepção de educação. Por ser existencialista, Sartre enfatiza a individualidade. Isso se reflete no campo pedagógico da seguinte forma: ele critica “o modelo da pedagogia tradicional, centrada na autoridade do professor, no seu papel de fonte única de transmissão do conhecimento, que deve ser recebido passivamente pelo aluno” (SCHNEIDER, 2012, p.399). Vale notar a ligação de tal pensamento com o de Paulo Freire, que apenas chama esse modelo educacional tradicional com outro nome: “ensino bancário” (FREIRE, 2002, p.13).

Sartre se aproxima muito da Pedagogia Nova que se centra no aluno e em suas potencialidades e não no professor, sendo este um facilitador do conhecimento e não seu detentor.

Projeto de ser, esta é outra terminologia sartriana que se relaciona com a noção de essência e significa o ser que vai evoluindo, fazendo escolhas, fazendo uso de sua liberdade e assim adquirindo aquilo que chama de essência.

A noção do projeto de ser em Sartre indica um caminho para o processo educativo, no sentido do ato pedagógico dever oportunizar uma aprendizagem significativa, na medida em que se constitua um sentido do aprendizado que seja incorporado ao devir do sujeito. Este é o diferencial da proposta da Pedagogia Nova: o ato educativo terá mais impacto se disser respeito ao campo de possibilidades de ser do aprendiz, que se reconhece no processo de apropriação ativa do conteúdo (SCHNEIDER, 2012, p.400).

Nota-se, portanto, que as ideias educacionais de Sartre colocam o discente como sujeito do processo educativo e não só como sujeito, mas também “construtor do conhecimento e, portanto, da realidade social, em um processo mediado pelas diferentes instituições da sociedade”. (Idem, p.401) Seu existencialismo oferece sólidas bases para uma pedagogia da autonomia, da liberdade e da valorização do aluno, como sujeito da educação.

Paideia: um conceito antigo, simples, mas que contém em si muitos valores e que poderia ser uma solução para a crise educacional e humanística em que se vive atualmente: a crise do homem com status, diplomas, títulos, no entanto sem valores.

PRESSUPOSTOS E CONCEITO DE FORMAÇÃO

Antes de tratar da questão central da necessidade e importância da Filosofia na formação de nível superior, faz-se necessário evidenciar dois pressupostos, os quais são pontos de partida, para que se aborde com clareza a temática.

O primeiro deles é o de que “as pessoas necessitam de sentidos ou significados para suas vidas” (LORIERI, 2010, p.47), pois se verá que esse é um dos papéis fundamentais da Filosofia enquanto mediação pedagógica: contribuir para que as pessoas encontrem um sentido para suas próprias existências e gere sentido, significado para a realidade social da qual fazem parte.

O segundo diz respeito ao tipo de formação que se espera de uma Universidade, ou seja, verdadeiramente holística, integral e humana. Pois se o “objetivo da Universidade for o de propiciar apenas uma preparação técnica para o mundo da produção, então a filosofia torna-se mesmo dispensável, desnecessária e até mesmo prejudicial” (SEVERINO, 2010, p.34).

A respeito da pessoa que terminou um curso superior diz-se que ela é formada. Será mesmo que foi formada? O que significa formação? O termo forma, na conceituação filosófica significa “o princípio pelo qual um ser é tal ser” (JOLIVET, 1975, p.99). Ou seja,

pelo verdadeiro processo de formação o homem torna-se homem, desenvolve-se e chega mais próximo da perfeição própria à sua natureza. É nesse sentido que toda Instituição de Ensino Superior deve formar seus discentes.

Um Ensino Superior Pragmático

Conforme bem define Regis Jolivet (1975) o pragmatismo é a doutrina segundo a qual o critério para a verdade está associado à ação e ao sucesso. O pragmatismo da cultura contemporânea tem por raiz o sistema econômico capitalista, dito neoliberal, que delineia as referências da vida humana. Notadamente a Educação Superior brasileira está dominada por tal corrente de pensamento, reduzindo sua função apenas a uma “preparação técnico-operacional que habilite todo profissional inserir-se [...] na cadeia da produção econômica” (SEVERINO, 2010, p.33).

Sobre a origem histórica de tal realidade bem sintetiza A. Joaquim:

Sua origem e seu desenvolvimento histórico se deram sob essa destinação, decorrente que é do assim chamado modelo napoleônico. Surgiu a partir das pragmáticas faculdades de Direito, de Medicina e de Engenharia, com a instalação do Império, nos inícios de 1800, faculdades criadas para preparar profissionais aptos a atender as demandas bem concretas de preparação de quadros para o funcionalismo do Império, de preparação de médicos para o enfrentamento das doenças tropicais e de engenheiros para a superação dos obstáculos da natureza hostil (Idem, 2012, p.23)

O que antes atendia às demandas funcionais do Império, hoje atende à demanda de outro império: o capitalismo. O sistema exerce uma forte coerção sobre a sociedade e em particular sobre os jovens, que ingressam nas IES com um único objetivo: qualificação e inserção no mercado de trabalho.

A principal expectativa daqueles que entram na universidade é a formação profissional. Os jovens desejam adquirir na universidade conhecimentos e habilidades para conseguirem uma boa colocação no mercado de trabalho. Tal expectativa é plenamente justificável num contexto social em que a carência de postos de trabalho estimula a competitividade que só pode ser enfrentada na perspectiva de sucesso por pessoas com preparo intelectual adequado. O conhecimento técnico, focado na especialização escolhida, é tido como a chave do futuro sucesso profissional (GOERGEN, 2010 *apud* SEVERINO, 2012, p.23)

Provavelmente por isso a Filosofia em si mesma ou as disciplinas consideradas filosóficas são vistas com estranheza e recebem, geralmente, desprezo por parte dos discentes, pois estes não vêm sentido em absorver tais conhecimentos. Pensar assim é ignorar que a Filosofia “não possui nenhuma utilidade prática: ela é livre, pois não se submete a qualquer fim que lhe seja alheio” (BOTTER, 2012, p.23). Hoje em dia parece estranho falar desse jeito, pelo fato de que na atualidade o útil e produtivo é que exerce força e influência. A problemática central é a questão de que peso atribui-se ao âmbito da formação técnico-profissional nas IES.

A questão não diz respeito à formação profissional em si, que é boa e necessária, mas ao peso exclusivo que essa preparação assume no processo formativo dos estudantes. Na verdade, o que os estudantes, pelo menos na sua grande maioria, buscam na universidade, é sua formação profissional e nada mais. Nessa lógica, tudo o que ultrapassa os limites da profissão ou não está diretamente a ela relacionado, é considerado supérfluo e desnecessário (GOERGEN, 2010 *apud* SEVERINO, 2012, p.24).

Como se verá pouco mais adiante, tal modelo unicamente técnico-pragmático constitui uma verdadeira contradição no concernente à finalidade da Universidade bem como à finalidade intrínseca de toda a educação, seja qual for seu estágio. Toda e qualquer IES que assim se porte

[...] se nega como *instituição acadêmica* e se transforma em *organização* que transmite saberes instituídos, em supermercado do conhecimento, que oferece aos alunos saberes reduzidos a *informações* e banalizados, estereótipos, preconceitos, repetição do já dito e do já feito, *produtos*, disciplinas, *conteúdos* curriculares, como se fossem certezas de uma nova religião, verdades prontas e acabadas, resultados alcançados, pontos de chegada, enfim, imposição de esquemas de poder, de formas de ação e de reação (COELHO, 2006 *apud* SEVERINO, 2012, p.25)

Portanto, toda IES que queira verdadeiramente realizar a atividade formativa que lhe compete, não pode abrir mão de oferecer uma sólida e ampla formação humanística, sem a qual perde seu valor e sentido.

Finalidade da Universidade e importância da Filosofia no Ensino Superior

Tendo em conta que o ensino de nível superior brasileiro é fortemente pragmático e que tal modelo é unilateral, insuficiente e contraditório em si a toda a dimensão da educação, faz-se necessário considerar as duas finalidades essenciais que constituem a verdadeira identidade da Universidade. Sumariamente, é como expõe Severino (2010),

dizendo que a finalidade da educação de nível superior não pode esvaziar-se na direção de uma profissionalização técnica (ainda que necessária e boa) e que se precisa investir maciçamente na formação humana dos alunos.

A primeira dessas finalidades é a formação técnico-científica que prepara o futuro profissional para exercer suas funções, tendo em vista sua realização pessoal e o bem comum. De um ponto de vista imediato, o “ensino superior é mediação intencional e sistemática de uma educação voltada para a qualificação científica e técnica, com vistas à preparação de profissionais dos diversos campos da atividade humana” (SEVERINO, 2010, p.38). Portanto, cabe à Universidade desenvolver ao máximo “o conhecimento científico e tecnológico em todos os campos e dimensões que contribuem para a superação do amadorismo e a apropriação da ciência e da tecnologia disponíveis para alicerçar o trabalho de intervenção na realidade natural e social” (Idem, p. 39). Desse modo, as IES dão à sociedade a contribuição que delas se espera, com vistas à evolução e aperfeiçoamento da humanidade, exaltando tanto o trabalho intelectual quanto físico-laboral do ser humano.

A segunda alude à formação humana integral, pois a primeira

[...] não esgota o sentido e a responsabilidade da educação universitária, pois além dessa formação técnico-científica, a *Bildung* formadora do homem como ser cultural, pressupõe ainda o desenvolvimento ao máximo da sensibilidade ética e estética das pessoas (Ibidem).

“As pessoas têm necessidade, em sua formação, de desenvolverem em si mesmas estas ‘sensibilidades’” (LORIERI, 2010, p.50). E não somente as duas acima mencionadas, mas também a epistêmica, política e antropológica. O desenvolvimento de tais sensibilidades faz parte de todo processo formativo, ainda mais em nível superior, em que aqueles que hoje são discentes amanhã estarão inseridos na sociedade de modo mais profundo e sendo chamados a transformar a realidade da qual fazem parte. Caso não haja essa, por assim dizer, sensibilização, as pessoas correm o risco de cair na chamada “racionalidade instrumental” (Idem, p.54), instrumentalizando os conhecimentos obtidos para fins sem qualquer conotação ética, moral e antropológica⁴. Para um mundo mais humano tal dimensão da formação é fundamental, pois

Nenhum profissional será, efetivamente em sua prática histórica, apenas um técnico; ele será necessariamente um sujeito interpelado pela história, pela sociedade, pela cultura e pela humanidade, devendo dar-lhes respostas que

⁴ Um exemplo negativo da utilização do conhecimento foi o de técnicos e engenheiros que trabalhavam em prol ao nazismo que construíram um sistema ferroviário para conduzir as vítimas para o campo de concentração de Auschwitz. Tais profissionais não tiveram qualquer sensibilidade, muito pelo contrário e, sua formação foi instrumento para a morte e não para a vida (LORIERI, 2010, p.50).

vão muito além de seu desempenho puramente operacional no âmbito da produção (SEVERINO, 2010, p.40).

Por tudo isso que foi dito, justifica-se e se compreende a necessidade e importância da Filosofia, enquanto mediação pedagógica, presente nos currículos de Instituições de Ensino Superior. Ela é plenamente apta, enquanto meio, para atingir essa mencionada finalidade de humanizar a formação de nível superior. Através do exercício do filosofar os discentes são, paulatinamente, treinados a pensar corretamente, a refletir com criticidade sobre as questões e atingirem uma justa autonomia.

É importante que todo jovem, ao ter contato com a filosofia, possa desenvolver experiências de pensamento, aprendendo a reconhecer e a produzir, em seu nível, conceitos, a fazer a experiência da crítica e da radicalidade sobre a sua própria vida, a desenvolver uma atitude dialógica frente ao outro e ao mundo e, fundamentalmente, possa aprender uma atitude interrogativa frente ao mundo e a si mesmo. Pensamos que uma educação para a autonomia, no sentido da formação de indivíduos que possam escolher por si mesmos em que mundo querem viver, só pode ser tal se nela tiver lugar a filosofia (GALLO; KOHAM, 2000 *apud* LORIERI, 2010, p.57).

Finalmente “a justificativa da necessidade da filosofia no ensino superior encontra-se nessa finalidade intrínseca da educação como formação integral das pessoas, à vista de seus compromissos com a humanidade” (SEVERINO, 2010, p.40).

A FILOSOFIA E O CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

Com o intento de verificar a aplicação concreta da Filosofia, foi feita uma pesquisa, por meio de questionário, com alunos do curso de Administração do primeiro e oitavo períodos de uma Instituição de Ensino Superior de Anápolis. A escolha do curso justifica-se pelo seu cunho bastante técnico e ao mesmo tempo com elevadas exigências de formação humana. Responderam ao questionário, composto por cinco questões alternativas e uma subjetiva, dezessete alunos do oitavo período e nove do primeiro.

Inicialmente questionou-se qual a percepção dos acadêmicos sobre a disciplina de Filosofia no curso de Administração, para esta pergunta todos os alunos do primeiro período responderam que contribuiu para formação pessoal e auxiliará na prática profissional, enquanto somente 23,52% dos alunos do oitavo período deram a mesma resposta. No oitavo

período a resposta predominante foi que contribuiu para o aperfeiçoamento pessoal, mas não auxilia ou auxiliará na prática profissional. Os dados indicam que os alunos iniciantes têm mais perspectiva em relação à aplicabilidade dos princípios filosóficos perenes do que os concluintes.

A fim de analisar a prática docente questionou-se como a Filosofia foi tratada pelo professor dentro do curso de administração. Todos os alunos do oitavo período responderam que o professor tratou a matéria de tal forma que mostrou a filosofia como meio de formação humana e aporte para o mercado de trabalho. A mesma alternativa foi escolhida por 66,66% dos alunos do primeiro período, o que mostra que em ambos os períodos os professores foram capazes de transmitir o valor da filosofia para seus discentes.

É importante ressaltar a relevância da atitude docente ao tratar sua disciplina. Uma abordagem que esclareça o valor intrínseco da formação filosófica, bem como para a especificidade da área, favorece ao interesse e compreensão por parte dos discentes. No caso da Administração o docente deve mostrar como princípios da reflexão filosófica podem representar verdadeiramente um diferencial na prática da gestão.

A instituição utilizada como campo de pesquisa possui como missão “um ensino de excelência na formação de profissionais competentes na compreensão e aplicação dos princípios da filosofia perene.” Os alunos foram questionados em que medida haviam compreendido tais princípios⁵ e poderiam aplicá-los. A esta interrogativa apenas 29,41% dos alunos do oitavo período responderam que compreenderam tais princípios e enxergam a possibilidade de aplicação, o restante somente compreendeu ou compreendeu vagamente ou sequer ouviu falar desses princípios. Dentre os do primeiro período 55,55% afirmaram compreender e poder aplicar os princípios da filosofia perene. Considerando que a compreensão e aplicação desses princípios constituem a missão dessa Instituição, os números são preocupantes e podem indicar que deve haver mais incisão nessa temática.

Ao serem perguntados sobre em que medida eles percebem no ser e agir dos professores os dois aspectos da formação superior (técnica e humana), os alunos do primeiro período se dividiram em duas respostas: 44,44% responderam que a maioria se preocupa somente com a formação técnico-profissional e 55,55% que a maioria se preocupa sim com

⁵ De modo geral, por Filosofia Perene se entende aquela que tem por base a doutrina aristotélico-tomista. É uma filosofia cuja reflexão parte da observação do ser real e concreto, que se preocupou em encontrar e formular princípios dos ser. Princípios que são chamados perenes pelo fato de serem aplicáveis a todo ser, em todo tempo e local. Sua importância para o âmbito formativo se encontra no fato de que tais princípios podem ser agregados em todo e qualquer campo do saber, pois dizem respeito a toda realidade. Além disso, uma formação baseada em princípios perenemente válidos, goza de maior credibilidade e estabilidade.

sua formação humana. São duas respostas divergentes, o que possivelmente mostre que os alunos principiantes não compreendem bem essa unidade formativa do ensino superior: a técnica que caminha junto com a formação para o desenvolvimento das sensibilidades humanas.

Questionou-se que possíveis consequências os acadêmicos viam numa formação de modelo tecnicista. 64,70%, dentre os discentes do oitavo período responderam que a consequência boa é ter profissionais tecnicamente bem formados, com a consequência ruim de serem pouco humanizados. 55,55% dos alunos do primeiro período responderam que as consequências são más, em virtude da ausência de boa formação humana. Tais dados são positivos, pois ambas as turmas demonstram reconhecer o valor de se ter profissionais bem formados, com senso crítico e capacidade reflexiva.

Na última questão foi pedido aos alunos que descrevessem de que modo a Filosofia contribuiu para seu aperfeiçoamento pessoal e como poderia auxiliar na ação profissional. Foram selecionadas duas respostas, uma de cada período.

“A filosofia pode contribuir de várias formas, inclusive despertando o espírito crítico, para que possamos ter uma visão clara diante dos fatos da vida e dos extremos da natureza humana como vida e morte.” Essa resposta, de certa forma, representa as respostas dos demais alunos do primeiro período, pois o enfoque deles recaiu mais para o âmbito pessoal do que profissional. Apenas uma vez foi mencionada a ética como referência profissional.

“A filosofia contribuiu para que eu tivesse um pensamento mais crítico, não é porque a grande maioria faça algo que isso seja correto. Acredito que possa contribuir profissionalmente no sentido em que quando se tem o pensamento mais crítico é menor a chance de se corromper.” A resposta desse discente mostra que compreendeu a importância do pensamento crítico a nível pessoal, mas também a nível profissional, quando menciona a corrupção.

Para se atingir os objetivos especificamente esperados em relação à Administração, expõe-se de modo sintético o modo como a Filosofia pode ser trabalhada neste curso.

Primeiramente, a reflexão filosófica deve conduzir o discente a um encontro consigo mesmo, a um autoconhecimento que lhe propiciará o amadurecimento necessário, pois acima de tudo administrará seres humanos. Como administrar o outro sem saber fazê-lo consigo mesmo? O “homem que reflete sobre sua existência, o seu papel e a sua importância na sociedade, tem mais chances de ser um administrador em potencial” (MENEZES; MATOS, 2013, p.3).

Em segundo lugar, a Filosofia deve ser trabalhada na Administração de tal forma que se mostre aos futuros gestores sua importância no que diz respeito a favorecer a construção de um pensamento mais reflexivo, crítico e amplo, o que colabora na prática administrativa, refletindo criticamente sobre modelos difundidos, sua veracidade e bondade, bem como pensando em novas alternativas para o mercado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvida de que muitas outras considerações poderiam ser feitas, mas a temática é ampla e abrangente, sendo impossível exaurir todos os aspectos numa só pesquisa.

O que se pode concluir é que um Ensino Superior que se volta única e exclusivamente para formar pessoas no âmbito técnico-científico-profissional cumpre somente uma parcela de sua responsabilidade. Onde fica o desenvolvimento ético, antropológico dessas pessoas? Procedendo assim, as Instituições de Ensino superior não formam, mas sim produzem. Produzem engrenagens para a grande máquina do capitalismo. O ser humano, porém, não pode ser reduzido a mera engrenagem. Por isso o que se espera sobremaneira dessas Instituições é que formem cidadãos conscientes do valor e sentido de sua existência, conscientes de suas responsabilidades para consigo e para com toda a sociedade. É nesse contexto que a Filosofia se faz imprescindível, sendo um meio através do qual a Educação Superior atinge não somente uma formação unilateral, mas sim total do homem, tornando-o ainda mais humano.

Tal importância da Filosofia se evidencia ainda mais na Educação Superior, pelo fato de que dessa etapa formativa sairão os profissionais que atuarão na sociedade como um todo, influenciando-a positiva ou negativamente. O que se espera e deseja é que a formação de cunho filosófico contribua efetivamente para que os futuros profissionais atuem de modo verdadeiramente profissional e humano, de tal modo que sua atuação gere o bem para a sociedade.

ABSTRACT

This research had as objective to make understandable the importance of the Philosophy on the higher education, by taking into consideration the intrinsic purpose of the education. Furthermore it brought up the demonstration of the existing relation between the Philosophy and Education, by the thoughts of classic exponents; to recognize the pragmatism as the predominant philosophical trend on Brazilian's higher education, by pointing its insufficiency as an educational model; to identify the true goal of the higher education, by pointing out the task of the Philosophy in order to reach such a goal; to verify the application of the Philosophy at one Higher education's institute from Anápolis, through analyzing its contributions. The qualitative-analytical method was used, based on dates from books, magazines, periodicals and websites. Students have been consulted, by means of applied questionnaire. The conclusion to be drawn was that the University cannot limit only one technical-professional upbringing, for attached to this technique there is an human-holistic upbringing, for which the Philosophy reveals itself as something essential.

Key words: Philosophy. Education. Pragmatism. Higher education. Integral human formation.

REFERÊNCIAS

- BOTTER, B. “A pedagogia antes da pedagogia”. In: OLIVEIRA, P. E. de (org). *Filosofia e Educação: aproximações e convergências*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012. p.19-31.
- BUENO, V. C. de A. “Kant e a tarefa da educação”. In: OLIVEIRA, P. E. de (org). *Filosofia e Educação: aproximações e convergências*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012. p.162-77.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- JOLIVET, R. *Vocabulário de Filosofia*. Rio de Janeiro: Agir, 1975.
- LAUAND, J. Tomás de Aquino: “Filosofia e Pedagogia”. In: OLIVEIRA, P. E. de (org). *Filosofia e Educação: aproximações e convergências*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012. p.57-73.
- LORIERI, M. A. Filosofia e formação no ensino superior. *Revista Páginas de Filosofia*, v.2, n.1, p. 47-60, jan/jun 2010.
- OLIVEIRA, P. E. de (org). *Filosofia e Educação: aproximações e convergências*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.
- SCHNEIDER, D. R. “Sartre, existencialismo e educação”. In: OLIVEIRA, P. E. de (org). *Filosofia e Educação: aproximações e convergências*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012. p.389-404.
- SEVERINO, A. J. A filosofia na formação universitária. *Revista Páginas de Filosofia*. São Paulo, v.2, n.1, p. 31-45, jan/jun 2010.
- _____. Integrar cultura e humanismo: desafio pedagógico da Filosofia no Ensino Superior. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 46, p. 21-35, out./dez. 2012.
- TESCAROLO, R. Sócrates e a formação do mestre: virtude, ética e espiritualidade. In: OLIVEIRA, P. E. de (org). *Filosofia e Educação: aproximações e convergências*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012. p.32-41.